

5 As entrevistas

5.1 Sobre os entrevistados

Para a presente dissertação de Mestrado foram entrevistados dez fotógrafos atuantes no mercado. A amostra foi composta por sete homens e três mulheres, cuja experiência no campo da Fotografia varia entre nove anos de atuação até trinta e oito anos de atuação como fotógrafo(a). Os entrevistados foram localizados nas principais escolas de Fotografia e Artes Visuais da cidade do Rio de Janeiro (RJ); nos cursos de Graduação em Comunicação Social de Universidades que possuíssem disciplinas específicas sobre Fotojornalismo e diretamente nas redações de alguns jornais publicados no Estado do Rio de Janeiro. Não houve grande problema durante a busca pelos entrevistados, todos se mostraram solícitos e disponíveis à entrevista. Porém, a única dificuldade encontrada foi quanto à questão do tempo reservado à entrevista, tendo em vista que no dia-a-dia dos fotógrafos não há uma rotina fixa de horários. Os profissionais que lecionam foram entrevistados no intervalo de suas aulas, os fotógrafos que atuam em jornais entre uma *pauta* e outra, sendo chamados, às vezes, durante a entrevista, para cobrir, com urgência, determinados acontecimentos.

Os dez entrevistados assinaram o *Termo de Consentimento Livre e Esclarecido* (vide Anexo C), antes da realização da entrevista. Dos dez entrevistados, oito lecionam Fotografia em cursos dentro de escolas de fotografia, aulas em universidade para alunos de comunicação e cursos em escolas de Artes Visuais.

Quanto à formação profissional dos entrevistados, seis possuem curso superior (quatro deles na área de Comunicação, um na área da Educação, um na área de História da arte), os quatro entrevistados restantes fizeram a sua formação em cursos de fotografia e na própria prática. Dos dez entrevistados, cinco já fotografaram imagens de morte em suas trajetórias profissionais. Sete entrevistados possuem experiência e passagem pelos seguintes jornais brasileiros: *O Globo* (RJ), *Jornal do Brasil* (RJ), *O Estado de São Paulo* (SP), *Extra* (RJ), *O Dia* (RJ), *O Povo* (RJ), *Lance* (RJ), *Fluminense* (RJ) e *A Notícia* (RJ). É importante observar que, dos nove jornais citados, cinco deles (*O Globo*, *Extra*, *O Estado de São Paulo*, *O Dia* e *Lance*) estão na lista dos maiores jornais brasileiros em circulação, de acordo com o *site* da Associação Nacional de Jornais (ANJ)⁸.

Os três entrevistados restantes não possuem vivência em fotojornalismo e imprensa, se dedicando apenas à fotografia *como arte*. Portanto, no presente estudo foram analisadas apenas as sete entrevistas daqueles que possuíam experiência em imprensa, visando uma amostra homogênea, e a opinião dos fotógrafos artísticos acerca das imagens de morte foi comentada em um capítulo à parte (Capítulo 6). As entrevistas foram realizadas ao vivo, entre os meses de junho e setembro de 2004. Para preservar a identidade dos entrevistados, estes serão chamados de “Entrevistados 1, 2, 3” (E1, E2, E3...) e assim por diante, como veremos a seguir. Visando uma melhor compreensão das análises, listamos abaixo algumas informações sobre os entrevistados:

E1 – Fotógrafo, Mestre em Artes Visuais, doutorando em Artes Visuais, 25 anos de prática como fotógrafo, lecionou em escola de Artes Visuais, não possui experiência em imprensa, nunca fotografou imagem de morte, entrevista realizada no dia 28 de junho de 2006;

⁸ Dados do ano de 2004, fornecidos pelo *site*.

E2 – Fotógrafa, professora de fotografia em escola de Artes Visuais, 12 anos de prática como fotógrafa, não possui experiência em imprensa, nunca fotografou imagem de morte, entrevista feita em 29 de junho de 2006;

E3 – Fotógrafa, professora de fotografia em uma escola de Artes Visuais, 15 anos de prática como fotógrafa, não possui experiência em imprensa, nunca fotografou imagem de morte, mas já fez um trabalho “de apropriação” no qual fotografou as páginas dos jornais que continham fotos de cadáveres, em estudo fotográfico sobre a forma do corpo morto retratada pelo jornal, entrevista realizada em 7 de junho de 2006;

E4 – Repórter fotográfico independente, graduado em Comunicação Social (Publicidade), professor em escola especializada em fotografia, 10 anos de prática como fotógrafo, possui experiência em fotojornalismo, já fotografou imagem de morte; entrevista realizada em 11 de julho de 2006;

E5 – Repórter fotográfico independente, graduado em Comunicação Social (Publicidade), 9 anos de prática como fotógrafo; possui experiência em fotojornalismo, nunca fotografou imagem de morte, entrevista realizada em 10 de julho de 2006;

E6 – Repórter fotográfico independente, 23 anos de prática como fotógrafo, professor em escola especializada em fotografia, fez a sua formação em cursos de fotografia, possui experiência com fotojornalismo, já fotografou imagem de morte, entrevista realizada em 7 de junho de 2006;

E7 – Repórter fotográfica, professora em escola especializada em fotografia, 30 anos de prática como fotógrafa, possui experiência com fotojornalismo, já fotografou imagem de morte, fez sua formação em cursos de fotografia, entrevista realizada em 26 de junho de 2006;

E8 – Fotógrafo, professor de fotojornalismo em graduação de Comunicação Social, fez sua formação em cursos de fotografia, 38 anos de prática como fotógrafo, possui experiência em fotojornalismo, já fotografou imagem de morte, entrevista realizada em 5 de junho de 2006;

E9 – Repórter fotográfico independente, professor em escola especializada em fotografia, possui experiência com fotojornalismo, 10 anos de prática como fotógrafo, nunca fotografou imagem de morte, entrevista realizada em 6 de junho de 2006;

E10 – Repórter fotográfico policial, exclusivo de um jornal, 20 anos de prática como fotógrafo, autodidata, possui experiência em fotojornalismo, já fotografou imagem de morte, entrevista realizada em 2 de setembro de 2006.

5.2

As questões abordadas nas entrevistas

As entrevistas foram gravadas e transcritas, integralmente, e tiveram por base as seguintes questões:

1. A opinião do profissional acerca das imagens de morte publicadas na mídia impressa;
2. Se existem critérios ou normas para produzir uma foto de um morto, ou se, na opinião do fotógrafo, deveriam existir tais critérios;
3. Qual seria a localização ideal, no jornal ou revista, de uma foto que expõe um cadáver; deveria existir ou existe uma preocupação com relação à localização da imagem de morte?
4. A imagem de morte pode sofrer algum tipo de restrição no momento da publicação?
5. A imagem de morte contribui para o aumento da venda do jornal/revista? Existe algum tipo de consumidor que pareça preferir ou tenda a consumir esse tipo de imagem?
6. Existe diferença entre as imagens de morte publicadas nos diferentes tipos de jornal, direcionados a variadas classes sociais?

7. As diferentes classes sociais percebem as imagens de morte de maneira diferenciada ou não?
8. Qual é a opinião do fotógrafo sobre a alteração e manipulação das imagens de morte;
9. Como funciona o processo de edição das imagens de morte, a relação do fotógrafo com o editor do jornal, os limites da liberdade do fotógrafo dentro do jornal.
10. Na opinião do fotógrafo, o público tende a se acostumar com as imagens de morte? Como o fotógrafo percebe o público que compra os jornais.

Ao final de cada entrevista foram coletados dados pessoais sobre os entrevistados, tais como: há quanto tempo atua com fotografia, como começou, qual a formação curricular, se já trabalhou em imprensa e se já fotografou especificamente imagens relacionadas à morte.

5.3

A análise do discurso

A análise dos dados obtidos nas entrevistas se baseou na chamada *Análise do Discurso*, muito utilizada para a compreensão do discurso dos sujeitos, como nos aponta Rocha-Coutinho (1998, p. 328)

O uso da análise do discurso na pesquisa psicológica pode ser extremamente útil. Na investigação de identidades e subjetividades, por exemplo, a análise do discurso pode revelar, não apenas como a realidade é vista e sentida através do lugar e experiência pessoais dos sujeitos, como também revela muito da vida social, da cultura em que as pessoas estão inseridas.

Nas entrevistas foram analisados, não apenas os conteúdos, mas também o modo como o indivíduo se expressa, sendo o discurso “o seu modo de interpretar a realidade. A tarefa do analista do discurso é, portanto, interpretar uma interpretação” (p. 329). De acordo com a autora (p. 327),

“para a análise do discurso o lingüístico, o social e o psicológico se articulam no discurso- ou seja, a linguagem está intimamente ligada aos sujeitos que a produzem, a quem se dirige e ao contexto de sua produção”.

O método de análise do discurso utilizado nesta dissertação é o *Método de Explicitação do Discurso Subjacente* (MEDS). A psicóloga Nicolaci-da-Costa (2006, p. 5) explica que “o MEDS é o resultado da recente integração de diferentes procedimentos metodológicos empregados ao longo de mais de duas décadas de prática de pesquisa em psicologia clínica”. De acordo com a autora (p. 7), o MEDS trabalha com a “concepção explícita de linguagem”, com a escuta livre que capta o que é importante para o outro e se preocupa com a coleta de discursos no contexto natural do entrevistado, de maneira informal. A autora (p. 8) indica que,

inspirado no princípio da associação livre, o MEDS adotou, ainda, o pressuposto de que aquilo que é importante para alguém a respeito de um determinado tema ou assunto inevitavelmente aparece no seu discurso espontâneo sobre o mesmo.

No MEDS existe também uma “preocupação com a homogeneidade da amostra”, “a partir de critérios pré-estabelecidos” (p. 10), embora este método “não adote uma única forma de recrutamento” (p. 11). Quanto ao número de participantes, Nicolaci-da-Costa (2006, p. 11-12) afirma que o

número de participantes são raramente estipulados *a priori* na medida em que o principal critério usado para determinar se as entrevistas realizadas são suficientes para a investigação de um determinado assunto é o da saturação da informação. Por saturação da informação entende-se o fenômeno que ocorre quando, após um certo número de entrevistas, o entrevistador começa a ouvir, de novos entrevistados, relatos muito semelhantes àqueles que já ouviu, havendo uma rarefação de informações novas.

De acordo com o MEDS, antes das entrevistas é feito um roteiro estruturado mas flexível, que poderá conter perguntas amplas, perguntas mais específicas e perguntas abstratas. As entrevistas são feitas individualmente com apenas um entrevistador, em locais da preferência do próprio entrevistado, que deverá assinar o termo de consentimento (vide

Anexo C). As entrevistas do MEDS “geralmente não ultrapassam uma hora” de duração (Nicolaci-da-Costa, 2006, p. 15) e são integralmente gravadas em áudio com o consentimento do entrevistado. Conforme o MEDS, a transcrição das entrevistas deve ser fiel ao relato, inclusive no que diz respeito aos erros gramaticais, que fazem parte da fala do entrevistado.

Para a análise dos depoimentos, o MEDS tem “como objetivo a interpretação dos depoimentos coletados e não a verificação de hipóteses” (Nicolaci-da-Costa, 2006, p. 17). Ainda assim, a autora (p. 17) esclarece que isso pode ser realizado através de duas abordagens: a abordagem *ênica* (“a partir de categorias que emergem das falas dos entrevistados”) e a abordagem *ética* (“a partir de categorias prévias”). Nesta dissertação foi utilizada a abordagem *ênica*. A análise começa após o término de todas as entrevistas.

Quanto à análise das entrevistas no MEDS, Nicolaci-da-Costa (2006, p. 18), ressalta que esta é realizada em duas etapas: a “análise das respostas dadas pelo grupo como um todo, chamada de análise inter-participantes” e a “análise detalhada de cada uma das entrevistas individuais, chamada de análise intra-participantes”. A autora esclarece que o MEDS “não se preocupa com a verdade ou com a consistência interna, mas sim com a sinceridade dos depoimentos que coleta”, e acredita que “é possível fazer generalizações a partir de amostras intencionais de pequeno porte”. (p. 22-23).

Passaremos, então, ao capítulo 6, relatando as entrevistas feitas com professores de fotografia que lecionam em escolas de artes visuais. É essencial ressaltar, mais uma vez, que tais entrevistas (E1, E2 e E3) não entrarão no Capítulo 7, referente às análises, devido a intenção de obtermos uma análise de uma mostra homogênea. Ainda assim, é extremamente interessante observar as opiniões sobre as imagens de morte na mídia impressa, dos fotógrafos que utilizam a fotografia *como arte* e não como instrumento da mídia impressa.